

NELSON WERNECK SODRÉ, 1975/1978*

Marcos Silva¹

Resumo: Durante a ditadura civil-militar brasileira, anti-comunista, o Historiador acadêmico Carlos Guilherme Mota teceu duras críticas políticas e intelectuais ao também Historiador, comunista e militar, Nelson Werneck Sodré que respondeu àquelas acusações. Este artigo apresenta os argumentos de ambos e convida os interessados pela área a retomarem diálogos entre produtores de conhecimento histórico com diferentes perfis intelectuais e políticos que priorizem o aprendizado recíproco e a expansão dos saberes históricos tornados públicos.

Palavras-chave: Nelson Werneck Sodré. Carlos Guilherme Mota. Ideologia da Cultura Brasileira. A luta ideológica no Brasil. Ditadura civil-militar no Brasil (1964/1985).

* O presente texto foi escrito em tempos de Covid-19. Agradeço a amigos que me ajudaram *on line* a concluí-lo: Everaldo Andrade, Leonardo Lula Rolim, Luiz Eduardo Simões de Souza, Lincoln Secco, Maurício Gomes da Silva e Ricardo Bechelli. A responsabilidade pelos resultados é toda minha.

¹ Professor do Departamento de História, FFLCH/USP

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

Abstract: During the Brazilian civil-military anti-communist dictatorship, Academic Historian Carlos Guilherme Mota made harsh political and intellectual criticism to also communist and military Nelson Werneck Sodré, who responded to those accusations. This article presents the arguments of both and invites those interested in the area to resume dialogues between producers of historical knowledge with different intellectual and political profiles that prioritize mutual learning and the expansion of historical knowledge made public.

Keywords: Nelson Werneck Sodré. Carlos Guilherme Mota. Brazilian Culture Ideology. The ideological struggle in Brazil. Civil-military dictatorship in Brazil (1964/1985).

“Um sabor de vidro e corte”

(Milton Nascimento e Fernando Brant, “San Vicente”, 1972)

Em 1975, o Historiador Carlos Guilherme Mota (1941/...) prestou concurso de Livre Docência na área de História Moderna e Contemporânea da FFLCH/USP, o que incluiu defender a tese *Ideologia da cultura brasileira*, publicada dois anos depois, como livro².

Na tese e no livro, figuram referências, hostis e depreciativas, ao também Historiador Nelson Werneck Sodré (1911/1999), militar e escritor, sem títulos nem vínculos acadêmicos, processado e preso, por motivos políticos, no início da Ditadura de 1964, identificado por Carlos Guilherme como:

“Autor esquemático e apressado” (MOTA, C. G., 1977, p 25); *“segundo plano”* (IDEM, ibidem, p 32); *“análises marxistas ortodoxas”* (MOTA, C. G., 1977, p 37); *“parâmetros pedestres da vertente populista”* (IDEM, ibidem, p 39); *“perspectiva marxista ortodoxa e linear (...) perspectiva claramente ideológica (...) etapas históricas a serem cumpridas evolutivamente, em termos de necessidade...”* (MOTA, C. G., 1977, p 42); *“velhos quadros teóricos de explicação”* (IDEM, ibidem, p 50); *“rígida e mecânica teoria das classes sociais”* (MOTA, C. G., 1977, p 179); *“mecanismo (? Mecanicismo?) werneckeano”* (IDEM, Ibidem, p 180), *“vertente marxista ortodoxa”* (MOTA, C. G., 1977, ibidem, p 181); *“concepção monolítica”* (IDEM,

² MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica.** Tese de Livre Docência em História Moderna e Contemporânea, defendida na FFLCH/USP. São Paulo: mimeografado, 1975.

IDEM. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica.** São Paulo: Ática, 1977 (Ensaio – 30).

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

1977, p 208); “quadro referencial mais sofisticado (e eficaz) que o do autor de *Formação histórica do Brasil*” (MOTA, C. G., 1977, p 218); “orientação rígida de um marxismo cristalizado” (IDEM, 1977, p 248); e “Paula Beiguelman (crítica severa de Nelson Werneck Sodré)” (MOTA, C. G., 1977, ibidem, p 251).

Noutra passagem, Carlos contrapôs Ferreira Gullar a Werneck Sodré: “ultrapassa em muitos pontos as reflexões de outro representante dessa tendência, N. W. Sodré” (MOTA, C. G., 1977, p 231). Cabe lembrar que Werneck Sodré e Gullar, apesar da proximidade política comunista, eram intelectuais com áreas de atuação diferentes, o primeiro como militar e historiador, o outro como poeta e jornalista. E o materialismo histórico foi associado a “teorias stalinistas” no campo da História da Literatura, que Werneck Sodré frequentou (IDEM, ibidem, p 175).

Mota demonstrou conhecer perseguição historiográfica e política sofrida por Werneck Sodré após o Golpe de 1964, indicada em nota de rodapé de seu livro (MOTA, C. G., 1977, p 26), mas não refletiu sobre essa situação, apenas a reduziu a problema pessoal do historiador Américo Jacobina Lacombe com Nelson, quando o conflito entre esses dois ocorreu em torno de violento parecer de Lacombe, a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, contra a *História Novo do Brasil*, dirigida por Nelson.³

Antes dos referidos livro e tese, Carlos organizou a coletânea *1822 – Dimensões*, durante o sesquicentenário da Independência do Brasil, data fortemente comemorada pela ditadura então vigente no país, livro onde a também Historiadora Giselda Mota assim enquadrou as análises de Nelson sobre aquele problema: “mecanicismo e (...) simplificação esquemática (...), termos científicos” (MOTA, Giselda, pp 388 e 438).⁴

Em 1978, Werneck Sodré divulgou uma áspera resposta a essas desqualificações, no artigo “Brasil: a luta ideológica”, referindo-se indiretamente a Carlos com a expressão “travesti impune”, remetida a Esquerdismo, no sentido de aparentar algo que não se é, de disfarce (“é uma coisa e apresenta-se como outra”, WERNECK SODRÉ, 1978, p 133). Afirmou mesmo: “É próprio do travesti o esquerdismo, excelente disfarce para melhor combater a esquerda” (WERNECK SODRÉ, 1978, p 142). Entendo o emprego da expressão “travesti impune” apenas com esse viés político, sem conotações artísticas ou sexuais pois não era esse o

³ WERNECK SODRÉ, Nelson, et al. **História Nova do Brasil**. Rio de Janeiro: Cases/MEC, 1964.

⁴ MOTA, Giselda. “Historiografia. Bibliografia. Documentos.”, in: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **1822 – Dimensões**. São Paulo: Perspectiva, 1972, pp 377/464 (Debates – 67).

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

âmbito da discussão⁵. Afinal, por que os travestis, em sentido artístico ou sexual, mereceriam punição? É possível, todavia, que Nelson tenha explorado a ambiguidade daquela definição para obter um efeito de chiste.

Desconheço desdobramentos dessas falas, que prenunciaram uma polêmica historiográfica, durante a ditadura civil-militar de 1964/1985, mas findaram restritas à condição de rudes monólogos. Carlos continuou sua carreira acadêmica, com extensa produção bibliográfica, inclusive em História Pública e volumes paradidáticos⁶, além de colaboração na grande Imprensa. Nelson enfrentou dificuldades para publicar novos livros em editoras de peso, raramente foi convidado para coletâneas acadêmicas, teve pouco ou nenhum acesso à grande Imprensa, chegou a divulgar artigos curtos em jornais de bairro, dificuldades que foram possíveis desdobramentos daquelas punições ditatoriais.

Embora ligados a gerações e trajetórias intelectuais diferentes, ambos eram Historiadores conhecidos no Brasil daquela época. Werneck Sodré tinha publicado dezenas de volumes individualmente, desde a década de '30 do século XX, dentre os quais, *O que se deve ler para se conhecer o Brasil*, *As razões da Independência* e *História da Imprensa no Brasil*.⁷ Mota, por sua vez, editara antes a coletânea *Brasil em perspectiva* e os livros individuais *Atitudes de inovação no Brasil – 1789-1801* e *Nordeste 1817 – Estruturas e argumentos*, resultantes de sua Dissertação de Mestrado e do subsequente Doutorado na FFLCH/USP, além de mais obras⁸. Nelson era um militar que publicara dezenas de livros, perfil que se tornou cada vez

⁵ WERNECK SODRÉ, Nelson. “Brasil: a luta ideológica”. **Temas de Ciências Humanas**. São Paulo: Ciências Humanas, 3: 119/154, abr 1978.

Embora não seja citado, penso que essa menção a esquerdismo remeta a:

LÊNIN, Vladimir. **Esquerdismo, doença infantil do Comunismo**. Sem indicação de tradução. São Paulo: Expressão Cultural, sem data.

⁶ Um exemplo desse universo é:

MOTA, Carlos Guilherme, e LÓPEZ, Adriana. **História do Brasil – Uma interpretação**. São Paulo: SENAC, 2008.

Noutra edição desse livro, figurou o seguinte comentário sobre a Operação Lava-Jato:

“À frente das investigações, o corajoso e competente juiz federal do Paraná Sérgio Moro, (...)”.

IDEM. **História do Brasil – Uma interpretação**. 4ª edição. São Paulo: Ed. 34, 2015, p 1057.

As vítimas de Moro denunciaram publicamente arbitrariedades e crimes cometidos por ele e sua equipe

⁷ WERNECK SODRÉ, Nelson. **O que se deve ler para se conhecer o Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (1ª ed.: 1945).

IDEM. **As razões da Independência**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

IDEM. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

⁸ MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Brasil em perspectiva**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971 (Corpo e alma do Brasil - 23)

MOTA, Carlos Guilherme. **Atitudes de inovação no Brasil**. Lisboa: Livros Horizonte, 1971 (Os nossos problemas para a História de Portugal e Brasil).

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

mais raro nesse meio profissional. Carlos, por sua vez, era um jovem profissional acadêmico, com presença na grande Imprensa. A coletânea *Brasil em perspectiva* resultou de atividade coletiva promovida pela *Folha de São Paulo*, que apoiara a derrubada de João Goulart – MOTA, Org., 1971.

Cabe pensar sobre o contexto histórico e historiográfico daquelas acusações de Mota e da defesa-ataque de Werneck Sodré, atentos às estratégias argumentativas de cada um.

Carlos defendeu aquela tese em 1975 e sua primeira edição em livro veio à luz em 1977, datas já indicadas.

Em dezembro de 1976, Ângelo Arroio, Pedro Pomar e João Batista Drummond, dirigentes do Partido Comunista do Brasil (PC do B), foram assassinados, em São Paulo, pela ditadura civil-militar. Identificar publicamente alguém, naquele Brasil, como marxista ortodoxo ou ligado a Stalinismo, portanto, era expor essa pessoa ao tratamento que a mesma ditadura dispensava a seus oponentes, num cenário onde múltiplos setores associados a esquerdas sofriam brutais perseguições e tinham alguns de seus integrantes aniquilados, em diferentes situações (supostos suicídios ou atropelamentos, desaparecimentos etc.), pelo governo. José Ferreira de Almeida (Piracaia, ligado ao Partido Comunista Brasileiro – PCB), em agosto de 1975, Vladimir Herzog (também vinculado ao PCB), em outubro de 1975, e Manoel Fiel Filho (militante católico), em janeiro do ano seguinte, são claros exemplos disso, executados quando presos em instalações militares na mesma São Paulo. Esses assassinatos contaram com apoios e financiamentos de empresários, como seria depois narrado no documentário *Cidadão Boilesen*.⁹

Vale lembrar que a morte de Herzog foi registrada em nota de rodapé e no posfácio do livro *Ideologia da cultura brasileira* (MOTA, G., 1977, pp 259 e 291), além de Vladimir figurar no caderno fotográfico do volume¹⁰ (diretamente, com a mulher, foto 41, e na missa ecumênica por intenção dele, foto 42), um procedimento de História Imediata pouco habitual na historiografia acadêmica brasileira de então, comentário também válido para todo o extenso anexo de imagens dessa edição. Piracaia, Arroio, Pomar, Drummond e Fiel Filho, dentre outros, todavia, não foram incluídos em espaços similares da obra.

IDEM. **Nordeste 1817 – Estruturas e argumentos**. São Paulo: EdUSP/Perspectiva, 1972 (Estudos - 8).

⁹ LITEVSKI, Chaim. **Cidadão Boilesen**. São Paulo: Chaim Litevski e Pedro Asbeg, 2009.

¹⁰ Esse material foi editado por Ary Almeida Normanha, Mario Cafiero, Antonnio do Amaral Rocha, Paulo Cesar Pereira, René Etienne Ardanuy e Vanira Codato, a partir dos acervos de Abril Press, Agência Estado, Fotomiro e Juan Blanco.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

Além dos perigosos desdobramentos políticos de se designar qualquer cidadão brasileiro como “marxista ortodoxo” (ou, indiretamente, “stalinista”) durante uma ditadura ferrenhamente anticomunista, cabe lembrar o risco metodológico de se fazer tal classificação a partir de generalidades (Marxismo, possíveis ligações com o PCB), sem uma nítida definição daquela categoria política, demonstrada a partir de evidências documentais. Afinal, nem todo marxista ou comunista era stalinista ou ortodoxo...¹¹ E a concepção de ortodoxia costuma ser avaliada, usada ou mesmo criminalizada por partidos, governos e ideólogos! Para historiadores, essa noção merece ser tratada como problema de conhecimento, não como dado classificatório. E essa discussão já era corrente no Brasil bem antes da tese e do livro de Carlos.

Carlos criticou Gilberto Freyre por denúncia feita pelo Autor pernambucano em entrevista para o semanário *Veja* (MOTA, C. G., 1977, p 183)¹² mas não pareceu atento aos riscos que suas próprias falas, na tese e no livro, poderiam representar para terceiros: designar oponentes como “marxistas ortodoxos” tinha o mesmo efeito que a fala de Gilberto.

Livro e tese de Mota tenderam a ser marcados por um certo impressionismo conceitual, como se observa em relação a Ideologia, Populismo/populista, classes médias e mais termos, apenas associados a trabalhos de outros pesquisadores, além de serem evocados Autores através de terceiros, sem registro exato da obra original a que se referia, casos de: Karl Marx (MOTA, C. G., 1977, p 20), Alfred Weber (IDEM, Ibidem, p 63), Johan Huizinga (MOTA, C. G., 1977, p 64), “*uma historiadora local*” (? - IDEM, Ibidem, p 80), Karl Mannheim (MOTA, C. G., 1977, p 97), Jacob Burckhardt (IDEM, Ibidem, p 167) e Antonio Gramsci (MOTA, C. G., 1977, pp 51 e 285), nenhum deles incluído na bibliografia da obra (IDEM, Ibidem, pp 295/303), numa espécie de método do não-identificado.

Noções muito gerais e articuladas a uma História dotada de sentido, como “atraso” (MOTA, C. G., 1977, p 25), “progresso” (IDEM, Ibidem, p 26), “evolução” (MOTA, C. G., 1977, p 106) e “sempre” (IDEM, Ibidem, p 289), foram assumidas em tese e livro, sem

¹¹ TRAGTENBERG, Maurício (Org.). **Marxismo heterodoxo**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Brasiliense, 1981.

¹² Freyre falou sobre seus críticos em “*cursos universitários de Ciências Sociais*”, numa passagem da entrevista:

“*Vejo discordância devido a orientações ideológicas diversas da minha.*”

SAFFIOTI FILHO, José. “Entrevista – Gilberto Freyre”. **Veja**. São Paulo: Abril, 15 abr 1970. Localizado em <https://leiturasdiversas.wordpress.com> Consultado dia 18 de agosto de 2021.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

problematizações, termos ligados a um Presentismo que ameaçava uniformizar experiências e temporalidades, além de ver as melhores realizações intelectuais na contemporaneidade de quem escreveu aquela obra.

O Modernismo brasileiro ficou fora da periodização adotada no estudo de Carlos, embora Paulo Prado e Mário de Andrade tenham redefinido Cultura brasileira de formas peculiares e críticas, sem hierarquias raciais, em pleno Capitalismo.

Prado foi descartado sem análise (*“terceiro plano”*, IDEM, *Ibidem*, p 32), mesmo tendo equiparado brancos, indígenas e africanos, na formação do Brasil, pela tristeza, sem escalonamentos entre raças; Andrade surgiu apenas a rever criticamente 1922, duas décadas depois da Semana de Arte Moderna, e a pensar sobre horizontes políticos e artísticos dos anos ‘30/‘40 do mesmo século, apesar de seu personagem Macunaíma ter nascido negro e se transformado em branco (raça nada explica); isso sem analisar o que Mario tratou como Cultura Brasileira no Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, quando o dirigiu (1935/1938), como a incorporação cultural de imigrantes e o risco de crianças brasileiras aprenderem hábitos gerais e práticas artísticas (cantos infantis) desses novos conterrâneos. Mota silenciou ainda as ousadas críticas de Mario de Andrade à noção de “pré-crítico” em relação aos africanos, quando introduziu o critério de “para-crítico”. Também foram excluídos por Carlos Guilherme Mota outros Autores que produziram reflexões antirracistas sobre Brasil, antes daqueles modernistas, como Manoel Bomfim e Lima Barreto, atentos a tradições de violência e exploração na História¹³.

Mario de Andrade foi brevemente indicado por Carlos, na década de ‘20, nos termos: *“despejava confusamente sua crítica ao ‘burguês-burguês’ e aos ‘donos das tradições’, às ‘aristocracias cautelosas”*, mencionando ainda as ironias daquele modernista em relação aos *“involuntários da pátria”* (MOTA, C. G., 1977, p 106)¹⁴. São trechos poéticos de Andrade, nada confusos (“Ode ao burguês” pode ser

¹³ PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997 (1ª ed.: 1928).

ANDRADE, Mário. **Macunaíma**. São Paulo: Martins, 1972 (1ª ed.: 1928).

IDEM. **Música de feitiçaria no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia/INL, 1983 (1ª ed.: 1963).

BOMFIM, Manoel. **América Latina – Males de origem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1992 (1ª ed.: 1905).

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Brasiliense, 1956 (Obras de Lima Barreto, II - 1ª ed.: 1915).

¹⁴ A expressão *“involuntários da pátria”* foi usada pelo caricaturista Ângelo Agostini, durante a Guerra do Paraguai.

Sobre esse Artista:

MARINGONI, Gilberto. **Ângelo Agostini – A Imprensa Ilustrada, da Corte à Capital Federal, 1864/1910**. São Paulo: Devir, 2011.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

lido também como ódio ao burguês), com grande riqueza de Cultura Histórica, que não mereceram comentários.

É possível que esses caminhos metodológicos de Mota estivessem associados a uma linguagem próxima do Jornalismo, por ele adotada, de cunho descritivo (extensos arrolamentos de Autores e títulos de obras, agilidade verbal, – prejudicada por longas transcrições de textos de terceiros, inclusive em notas de rodapé, a gerar discursos paralelos numa mesma página, e pela pesada adjetivação -, caderno fotográfico), embora importantes pensadores da História, antes de Mota, escrevessem para jornais com outros estilos e densidade textual, como se observa em Karl Marx e Euclides da Cunha.¹⁵

O Jornalismo merece respeito intelectual, mas é produzido em condições de tempo muito restritivas, o que não impede a grandeza interpretativa de algumas de suas vozes¹⁶; o tempo de produzir uma tese de Livre-Docência é outro, muito mais extenso.

Essa proximidade com a linguagem jornalística ocorreu apesar das críticas de Carlos a um empirismo que transformava docentes e seus orientandos em seres “*entorpecidos pelos poderosos princípios da cultura de massa*” (MOTA, C. G.,1977, p 24), cultura onde o periodismo se situava e continua a se situar. Certamente, cultura de massa abriga tensões, potencialidades: a indústria cinematográfica começou a produzir filmes ligeiros e findou abrigando gente como Luchino Visconti e Ingmar Bergmann... A indústria musical lança canções de péssima qualidade, mas acolheu Tom Jobim e Chico Buarque... Claro, não são maioria, mas tornam o descarte de cultura de massa bem mais complexo.

A obra de Carlos reforçou a terminologia historiográfica tradicional “Revolução de 1930” (MOTA, C. G.,1977,p 27 e muitas outras), “Primeira República” (IDEM, Ibidem, p 61 e mais) e “República Velha” (MOTA, C. G.,1977,p 82 e alhures), apesar de ele ter orientado o Doutorado de Edgar de Decca, que já publicara, em parceria com Carlos Alberto Vesentini, o artigo “A revolução do vencedor”, fortemente crítico em relação

¹⁵ MARX, Karl. “Articles by Karl Marx in The New York Daily Tribune, 1852-61”.

<https://www.marxists.org/archive/marx/.../newspapers/new-york-tribune>. Consultado no dia 05.08.2021

IDEM. “Articles by Karl Marx in Rheinische Zeitung, 1842-43”.

<https://www.marxists.org/archive/marx/.../rheinische-zeitung.htm>. Consultado no dia 05.08.2021

A obra-prima de Cunha foi elaborada a partir de seu trabalho como correspondente do jornal *O estado de São Paulo* durante a Guerra de Canudos:

CUNHA, Euclides da. **Os sertões – Campanha de Canudos**. São Paulo: Três, 1984 (1ª ed.: 1902).

¹⁶ LACOUTURE, Jean. “História imediata”, in: LE GOFF, Jacques (org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, pp 215/240.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

àquelas noções.¹⁷ Em contrapartida, os termos “abertura” e “distensão relativa”, que eram muito usados pelo governo do ditador Ernesto Geisel naquele momento de tese e livro (1975/1977), foram adotados para caracterizar o fim do Estado Novo (MOTA, C. G., 1977, pp 111 e 131), talvez vontade profética de ver aquela ditadura (palavra que Mota não usou), iniciada em 1964, a se findar.

Carlos foi pouco preciso sobre o conceito de Ideologia com que trabalhou, mas seu estudo evidenciou, em estado prático, uma oposição desse termo a erudição acadêmica e Ciência, o que se observa também no emprego da palavra “*acientífico*” por Giselda para classificar Nelson (MOTA, Giselda, p 438), além de avesso do real (MOTA, C. G., 1977, p 257).

Esse estudioso se aproximou de procedimento criticado por Jean Chesneaux no meio universitário francês: ignorar Autores de fora da academia e ligados a movimentos políticos e sociais contestadores do Capitalismo, exemplificados pelo silêncio em relação a Daniel Guérin e seus escritos referentes ao Anarquismo, independentemente de méritos de interpretação e levantamentos empíricos neles presentes.¹⁸ A ligação de Caio Prado Jr. (muito valorizado na obra de Carlos) ao PCB e a exclusão desse Historiador da universidade brasileira não foram designadas explicitamente na tese e no livro de Mota.

Talvez o registro da violência governamental contra Herzog (Professor Universitário e Diretor da TV Cultura, São Paulo, SP) e o silêncio sobre procedimentos similares em relação a Piracaia (tenente da reserva da Polícia Militar de São Paulo), Arroio (Operário), Pomar (Jogador de futebol profissional na juventude), Drummond (Economista, sem exercer a profissão) e Fiel Filho (operário) se devam a essa hierarquia intelectual, que é também hierarquia de classe. Embora Mota tenha evocado o nome de Antonio Gramsci, sem citação de nenhuma obra desse Autor, ele não demonstrou interesse pelos conceitos de intelectual tradicional e intelectual orgânico.¹⁹

¹⁷ VESENTINI, Carlos Alberto e DE DECCA, Edgar. “A revolução do vencedor”. **Contraponto**. São Paulo: I (2): 60/69, nov 1976.

Os Autores desse artigo participavam do Núcleo de Pesquisa “Mudanças sociais e estruturas mentais no Brasil”, coordenado por Carlos Guilherme Mota.

¹⁸ CHESNEAUX, Jean. **Devemos Fazer *Tabula-Rasa* do Passado?** Tradução de Marcos A. da Silva. São Paulo: Ática, 1995.

Um exemplo de Guérin:

GUÉRIN, Daniel. **O futuro pertence ao Socialismo Libertário**. Tradução de Renato Gianuca Sampaio. São Paulo: Germinal, 1980.

¹⁹ GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da Cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 (Perspectivas do Homem – 48).

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

Ideologia, no livro e na tese de Carlos Guilherme Mota, aproximou-se de ideias, de erro enganador, detectados em Autores individuais (Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda e, num patamar crítico radical, seu contrário, Antonio Cândido, Florestan Fernandes), associados a elites sociais e classes médias; sua circulação social não apareceu como sujeita a refutações e reescritas; ela foi reiterada ou enfrentada de acordo com o alcance intelectual de cada um, mérito e defeito inexplicados. Como entender a grande superioridade crítica do quase pobre Lima Barreto em relação ao quase rico Coelho Neto (nuances de classes médias?)²⁰, que Mota não discutiu?

Solano Trindade, artista e intelectual negro e pobre, surgiu no caderno fotográfico, mas não mereceu comentários maiores: esse Ator, Poeta, Pintor e Líder no Movimento Negro, definiu outros horizontes de Cultura Brasileira. Uma imagem sem texto analítico findou transformada em “ilustração”, no sentido mais tradicional, destituída do discurso verbal ou articulada a textos que falam de elites e classes médias.

Via de regra, as desqualificações de Werneck Sodré por Carlos Guilherme foram breves, descartes sem análise de obras do criticado. Existe apenas um breve comentário de texto em relação a *Síntese da Cultura brasileira* (MOTA, C. G., 1977, p 271), sem discutir outros gêneros de escrita histórica que Nelson produziu, incluindo estudos monográficos e sobre questões como Imprensa, Militares e Historiografia²¹.

Mesmo em relação a Autores de sua predileção, como Caio Prado Jr., Antonio Cândido e Florestan Fernandes, Mota se restringiu a elogios gerais. Antonio Cândido, na década de '40, apareceu como profeta de si mesmo, ao antecipar seus futuros escritos radicais das décadas de 1960 e 1970 (MOTA, C. G., 1977, p 126). A menção ao importante discurso de paraninfo da FFCL/USP feito por Florestan Fernandes em 1965 não o identificou como crítica a um Golpe e à instalação de uma Ditadura em 1964 (IDEM, *Ibidem*, p 186).

Carlos tendeu a culpabilizar setores de esquerda pelo Golpe de 1964 e pela ditadura subsequente, como se observa no trecho “*desvios das interpretações ditas marxistas, que*

20 SILVA, Marcos. “Lima Barreto: triste visionário”. Resenha de *Lima Barreto – Triste visionário*, de Lília Schwarcz. São Paulo: Cia. das Letras, 2017. **A Terra é redonda**. São Paulo, 11 de maio de 2021 <https://aterraeredonda.com.br/lima-barreto-triste-visionario/>

²¹ WERNECK SODRÉ, Nelson. **História da Imprensa no Brasil**. Edição citada.

IDEM. **História militar do Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

IDEM. “Joaquim Nabuco e o Pan-Americanismo. Esboço bibliográfico”, in: IDEM, LEÃO, Múcio e CARPEAUX, Otto Maria. **Joaquim Nabuco e o Pan-Americanismo**. Rio de Janeiro: Ibecc/Sul-América, 1949, pp 5/34.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

produziram diagnósticos pouco eficazes e que ajudaram a levar à derrocada dos setores progressistas em 1964” (MOTA, C. G., p 203). Faltou discriminar mais claramente quais eram aqueles setores progressistas e seus diagnósticos mais eficazes.

Mota reiterou um suposto perfil suave da ditadura inicial, ao falar em quadro “*suficientemente aberto*” durante o governo Castelo Branco e alimentar o argumento de que aquela ditadura começou 1968 (IDEM, Ibidem, p 205)²². Ele chamou ainda o Golpe de 1964 de “movimento”, termo usado pelos próprios ditadores e seus aliados (MOTA, C. G., 1977, p 207).

O livro e a tese de Carlos não discutiram o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC/UNE) nem o Movimento de Cultura Popular (MCP, mais atuante em Recife, PE) e a campanha “De pé no chão também se aprende a ler” (Natal, RN) – os dois primeiros foram apenas citados (MOTA, C. G., 1977, p 230). Falou em “crise dos CPCs” (IDEM, Ibidem, p 233), quando a ditadura operou sua destruição institucional e até física, com o incêndio de sede da UNE no Rio de Janeiro no primeiro dia do Golpe (1º de abril de 1964). Silenciou ainda a atenção de Werneck Sodré em relação ao contexto da América Latina no livro *As Razões da Independência* (WERNECK SODRÉ, 1965).

Houve um elogio geral de Mota aos brasilianistas, pesquisadores estrangeiros dedicados à História do Brasil (MOTA, C. G., 1977, p 263), sem considerar diferenças de método e resultados entre eles nem o acesso privilegiado a informações, documentação e financiamentos, o que beneficiou, como privilégio, alguns.

José Celso Martinez Corrêa, Diretor do Teatro Oficina, foi caracterizado por Carlos, nos anos '70, como “escapista” (IDEM, Ibidem, p 267), sem demonstração dessa conclusão a partir de encenações que ele realizou com aquele Grupo, marcadas por forte teor de indagação e convite à crítica.

Carlos Guilherme se referiu a periódicos dos anos '70, mais ambiciosos criticamente, como “*Pensamento crítico consentido*”, dando pouca atenção à faceta de sua edição ter sido conquistada a partir de árduas lutas, inclusive contra censura, apreensões de tiragens, prejuízos financeiros e fechamento de órgãos (MOTA, C. G., 1977, p 279).

Werneck Sodré, em “Brasil: a luta ideológica”, falou, desde o título, de Ideologia como relação social, face da luta de classes naquele Brasil ditatorial que, a partir de seu

²² SILVA, Marcos. “1964/1968: de pior a pior (Apresentação)”, in: SILVA, Marcos (Org.). **Brasil, 1964/1968: A ditadura já era ditadura**. São Paulo: LCTE, 2006, pp 7/8.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

início, atacara trabalhadores pobres, com destruição da estabilidade no emprego (o FGTS surgiu em 1966) e arrocho salarial como Política Econômica. O militar, que tratava seus pares como cidadãos e intelectuais²³, não hesitou em rejeitar a ditadura capitalista, que tantos deles sustentavam, aliados a civis.

Essa resposta de Nelson a Carlos, que também foi ataque, evidenciou preliminarmente irritação com argumentos que se pretendiam inovadores e eram iconoclastas diante de grande parte do existente. Werneck Sodré caracterizou seus oponentes – inclusive Mota - como ligados a estruturas de poder intelectual universitário, que englobavam controle sobre leituras de alunos. Ele agiu como Autor situado fora dessas estruturas e mesmo vítima de seus poderes.

Outra dimensão lembrada por Nelson foi a do saber transformado em mercadoria, associado àquelas estruturas. A Universidade, por sua vez, foi caracterizada como importante lugar de tais poderes, abrigando intelectuais que se disfarçavam de críticos, mas exerciam funções excludentes em relação a determinados Autores e a suas obras.

A parte inicial de “Brasil: a luta ideológica” foi dedicada a comentar os três primeiros volumes de *História da Inteligência brasileira*, de Wilson Martins, que Werneck Sodré indicou como nome de apoio explícito àquela ditadura e considerou prolixo, apoiado em excesso de citações alheias, repetições de trechos dele mesmo, arrolamento de Autores e títulos de obras, portador de chavões.²⁴ Nelson atribuiu os patrocínios conquistados para sua edição (Editora da USP, Secretaria de Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, Editora Cultrix) ao conservadorismo dos conteúdos ali expressos. Elencou, por fim, erros e insuficiências da obra.

Em seguida, Nelson Werneck Sodré abordou *Ideologia da Cultura brasileira* e seu Autor, sob o intertítulo “Um travesti impune”. E usou, já no começo desse texto, uma metáfora para caracterizar a situação: “*É como se discutissem duas pessoas em posições antagônicas, uma armada de metralhadora, a outra amarrada a um tronco.*” (WERNECK SODRÉ, 1978, p 132). Claramente, ele se referia a luta entre forças de proporções diferentes. Mas ainda se

²³ WERNECK SODRÉ, Nelson. **Memórias de um soldado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967 (Retratos do Brasil – 60).

²⁴ MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira – 1550/1774**. São Paulo: EDUSP/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia/Cultrix, 1976.

IDEM. **História da inteligência brasileira – 1794/1855**. São Paulo: EDUSP/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia/ Cultrix, 1976.

IDEM. **História da inteligência brasileira – 1855/1877**. São Paulo: EDUSP/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia/Cultrix, 1976.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

constituiu em luta, argumentos também eram armas, continuavam a ser armas de intelectuais. E um alvo de Nelson foi a Universidade expurgada, desprovida de vozes críticas, dali expulsas pela ditadura (falou até em “*máfia docente*”, IDEM, Ibidem, p 132), ressaltadas as exceções.

Diante da grande repercussão na Imprensa periódica alcançada pelo livro de Mota, Werneck Sodré se identificou como um dos inimigos escolhidos pelo volume, em condições desvantajosas pela falta de acesso a grande Imprensa e espaços universitários (WERNECK SODRÉ, 1978, pp 134/135).

Nelson criticou, preliminarmente, o emprego de noções como populismo e autoritarismo por Mota, considerando-as vagas e insuficientes (IDEM, Ibidem, p 135). Cobrou nuances históricos nas críticas de Carlos a Gilberto Freyre, particularmente, atenção a seus diferentes momentos na cena pública (IDEM, Ibidem, pp 137/138). Restrições semelhantes foram colocadas em relação aos comentários sobre Afonso Arinos de Mello Franco e Fernando Azevedo, culminando com a síntese na expressão “*deficiências ostensivas*” (WERNECK SODRÉ, 1978, p 143). Advertiu, por fim, sobre os riscos que o livro de Mota representava para possíveis leitores como fonte de equívocos (IDEM, Ibidem, p 144).

A parte final do artigo de Werneck Sodré se dedicou ao livro *ISEB – Fábrica de Ideologias*, de Caio Navarro Toledo, Filósofo definido como “*intérprete honesto*” (WERNECK SODRÉ, 1978, p 146).²⁵

Nesse tom respeitoso, Nelson criticou o que considerou excessivo apego de Toledo aos documentos, principalmente, livros publicados pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (WERNECK SODRÉ, 1978, p 148). Arrolou o que avaliava serem conquistas do livro de Caio Navarro, como debater “*desconfiança da USP*” em relação ao órgão sediado no Rio de Janeiro e “*autonomia das cadeiras, no ISEB*” (IDEM, Ibidem, p 149). E julgou adequados os comentários de Toledo sobre o trabalho do próprio Nelson no ISEB, com alguns reparos, em linguagem irônica, sobre seu direito a permanecer no campo do Marxismo (WERNECK SODRÉ, pp 150/151). Retomou ainda o conceito de esquerdismo para refutar a postura de Caio em relação a Nacionalismo e Burguesia Nacional (IDEM, Ibidem, p 152).

²⁵ TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB – Fábrica de Ideologias*. São Paulo: Ática, 1977 (Ensaio – 28).

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

A sequência escolhida nesse texto (debater Martins, Mota e Toledo) configurou a luta ideológica de seu título na caracterização de direita explícita, esquerdismo travestido e esquerda respeitável, mas equivocada em algumas passagens. Faltou um balanço mínimo sobre o lugar de Werneck Sodré na esquerda que ele representava e não devia se restringir a sua pessoa.

Vale lembrar que a revista *Temas de Ciências Humanas*, onde o artigo de Werneck Sodré foi publicado, incluía colaboradores da universidade brasileira daquele momento, como José Chasin, Marco Aurelio Nogueira, Luiz Gonzaga Belluzzo e outros.

Nelson Werneck Sodré morreu em 1999, ainda produzindo textos, fora da Academia.

Em 2011, centenário de seu nascimento, aprovou-se, em Plenária Docente do Departamento de História da FFLCH/USP, que uma sala de aulas no Edifício Eurípedes Simões de Paula, onde funciona aquele Curso, fosse identificada por seu nome.

Algumas publica es, individuais e coletivas, contribuir m para um conhecimento maior de sua vida e sua obra.²⁶

A retomada do debate historiográfico a respeito de Werneck Sodré, em tempos de furioso anticomunismo restaurado (derrubada da Presidenta Dilma Roussef, governos Michel Temer e Jair Bolsonaro, negacionismos dentro e fora do governo federal) e graves desrespeitos   Cultura, inclusive à Universidade,   necessária para que avalia es truncadas de seu trabalho sejam rediscutidas e superadas, pensadas criticamente em novas bases, consolidando a discussão historiográfica como prática intelectual corrente, em termos civilizados e distante de violências políticas e culturais das ditaduras.

Militar de carreira, que chegou ao generalato, Werneck Sodré produziu dezenas de volumes individuais, organizou coletâneas, participou de obras coletivas coordenadas por

²⁶ CUNHA, Paulo Ribeiro da. **A utopia tenentista na constru o do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

CUNHA, Paulo Ribeiro da, e CABRAL, Fátima (Orgs.). **Nelson Werneck Sodré – Entre o sabre e a pena**. São Paulo: EdUNESP, 2006.

DUCATTI, Ivan. **Os “restos feudais” no Brasil como metáfora política – Uma leitura de Nelson Werneck Sodré**. Disserta o de Mestrado em História Social, defendida na FFLCH/USP. São Paulo: mimeografado, 2003.

PAULO NETTO, José. **Nelson Werneck Sodré – O general da História e da Cultura**. São Paulo: Expressão e Cultura, sem data.

SILVA, Marcos (Org.). **Nelson Werneck Sodré na Historiografia Brasileira**. Bauru: FAPESP/EDUSC, 2001.

IDEM. **Dicionário Crítico Nelson Werneck Sodré**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

outros, publicou centenas de artigos em periódicos, disponibilizados na Biblioteca Nacional.

O diálogo entre gêneros de Conhecimento Histórico tem crescido no Brasil e foi além de uma mera hierarquia entre a escrita acadêmica, o Ensino Fundamental e Médio, a Divulgação em livros escritos por profissionais de diferentes áreas e a Imprensa periódica. Fala-se numa Cultura Histórica que agrupa esses diferentes gêneros, sem dominação de um sobre os demais, com direito à crítica-aprendizagem recíproca e ao respeito de uns pelos outros.

Nelson não se limitou a amadorismo historiográfico, pesquisou documentos de época, discutiu Historiografia, interpretou problemáticas que abordou – intelectuais, cidadania, militares, classe média e outras questões: foi Historiador, deve ser criticado como tal.

Ligado politicamente ao PCB, ele interferiu em debates, no Clube Militar e noutros espaços públicos, sobre diferentes questões de seu tempo, fez Cultura e Política.

Militares brasileiros, no século XXI, não parecem interessados por produções intelectuais e políticas semelhantes às que Werneck Sodré desenvolveu, o que é lastimável, mas ainda se faz necessário lembrar para todos que um estilo de pensamento como aquele foi e continua a ser possível, sujeito a críticas sem descarte.

As grandes divergências entre Carlos Guilherme Mota e Nelson Werneck Sodré, projetadas para o século XXI, não precisam ser resolvidas através de monólogos irreconciliáveis. Historiadores acadêmicos e Historiadores de outros espaços profissionais (inclusive do Ensino Fundamental e Médio, da Imprensa, da Diplomacia etc.) podem e devem dialogar mais diretamente, até aprender uns com os outros, se o quiserem.

Será que querem?

Eu quero!

Referências

ANDRADE, Mário. **Macunaíma**. São Paulo: Martins, 1972 (1ª ed.: 1928).

IDEM. **Música de feitiçaria no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia/INL, 1983 (1ª ed.: 1963).

BOMFIM, Manoel. **América Latina – Males de origem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1992 (1ª ed.: 1905).

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

CHESNEAUX, Jean. **Devemos Fazer *Tabula-Rasa* do Passado?** Tradução de Marcos A. da Silva. São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões – Campanha de Canudos.** São Paulo: Três, 1984 (1ª ed.: 1902).

CUNHA, Paulo Ribeiro da. **A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré.** Rio de Janeiro: Revan, 2002.

CUNHA, Paulo Ribeiro da, e CABRAL, Fátima (Orgs.). **Nelson Werneck Sodré – Entre o sabre e a pena.** São Paulo: EdUNESP, 2006.

DUCATTI, Ivan. **Os “restos feudais” no Brasil como metáfora política – Uma leitura de Nelson Werneck Sodré.** Dissertação de Mestrado em História Social, defendida na FFLCH/USP. São Paulo: mimeografado, 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da Cultura.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 (Perspectivas do Homem – 48).

GUÉRIN, Daniel. **O futuro pertence ao Socialismo Libertário.** Tradução de Renato Gianuca Sampaio. São Paulo: Germinal, 1980.

LACOUTURE, Jean. “História imediata”, in: LE GOFF, Jacques (org.). **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1998, pp 215/240.

LÊNIN, Vladimir. **Esquerdismo, doença infantil do Comunismo.** Sem indicação de tradução. São Paulo: Expressão Cultural, sem data.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** São Paulo: Brasiliense, 1956 (Obras de Lima Barreto, II - 1ª ed.: 1915).

LITEVSKI, Chaim. **Cidadão Boilesen.** São Paulo: Chaim Litevski e Pedro Asbeg, 2009.

MARINGONI, Gilberto. **Ângelo Agostini – A Imprensa Ilustrada, da Corte à Capital Federal, 1864/1910.** São Paulo: Devir, 2011.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira – 1550/1794.** São Paulo: EDUSP/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia/Cultrix, 1976.

IDEM. **História da inteligência brasileira – 1794/1855.** São Paulo: EDUSP/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia/ Cultrix, 1976.

IDEM. **História da inteligência brasileira – 1855/1877.** São Paulo: EDUSP/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia/Cultrix, 1976.

MARX, Karl. “Articles by Karl Marx in The New York Daily Tribune, 1852-61”.

<https://www.marxists.org/archive/marx/.../newspapers/new-york-tribune>. Consultado no dia 05.08.2021

IDEM. “Articles by Karl Marx in Rheinische Zeitung, 1842-43”.

<https://www.marxists.org/archive/marx/.../rheinische-zeitung.htm>. Consultado no dia 05.08.2021

MOTA, Carlos Guilherme. **Atitudes de inovação no Brasil.** Lisboa: Livros Horizonte, 1971 (Os nossos problemas para a História de Portugal e Brasil).

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica**. Tese de Livre Docência em História Moderna e Contemporânea, defendida na FFLCH/USP. São Paulo: mimeografado, 1975.

IDEM. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica**. São Paulo: Ática, 1977 (Ensaios – 30).

IDEM. **Nordeste 1817 – Estruturas e argumentos**. São Paulo: EdUSP / Perspectiva, 1972 (Estudos - 8).

MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Brasil em perspectiva**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971 (Corpo e alma do Brasil - 23).

MOTA, Carlos Guilherme, e LOPEZ, Adriana. **História do Brasil – Uma interpretação**. São Paulo: SENAC, 2008.

IDEM. **História do Brasil – Uma interpretação**. 4ª edição. São Paulo: Ed. 34, 2015.

MOTA, Giselda. “Historiografia. Bibliografia. Documentos.”, in: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **1822 – Dimensões**. São Paulo: Perspectiva, 1972, pp 377/464 (Debates – 67).

PAULO NETTO, José. **Nelson Werneck Sodré – O general da História e da Cultura**. São Paulo: Expressão e Cultura, sem data.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil – Ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997 (1ª ed.: 1928).

SILVA, Marcos. “Lima Barreto: triste visionário”. Resenha de *Lima Barreto – Triste visionário*, de Lília Schwarcz. São Paulo: Cia. das Letras, 2017. **A Terra é redonda**. São Paulo, 11 de maio de 2021 <https://aterraeredonda.com.br/lima-barreto-triste-visionario/>

IDEM. “1964/1968 – De pior a pior (Apresentação)”, in: SILVA, Marcos (Org.). **Brasil, 1964/1968: A ditadura já era ditadura**. São Paulo: LCTE, 2006, pp 7/8.

SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Nelson Werneck Sodré**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

IDEM. **Nelson Werneck Sodré na Historiografia Brasileira**. Bauru: FAPESP/EDUSC, 2001.

TOLEDO, Caio Navarro. **ISEB – Fábrica de Ideologias**. São Paulo: Ática, 1977 (Ensaios – 28).

TRAGTENBERG, Maurício (Org.). **Marxismo heterodoxo**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Brasiliense, 1981.

VESENTINI, Carlos Alberto e DE DECCA, Edgar. “A revolução do vencedor”. **Contraponto**. São Paulo: I (2): 60/69, nov 1976.

WERNECK SODRÉ, Nelson. “Brasil: a luta ideológica”. **Temas de Ciências Humanas**. São Paulo: Ciências Humanas, 3: 119/154, abr 1978.

IDEM. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

IDEM. **História militar do Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

IDEM. “Joaquim Nabuco e o Pan-Americanismo. Esboço bibliográfico”, in: WERNECK SODRÉ, Nelson, LEÃO, Múcio e CARPEAUX, Otto Maria. **Joaquim Nabuco e o Pan-Americanismo**. Rio de Janeiro: Ibicc/Sul-América, 1949, pp 5/34.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

IDEM. **Memórias de um soldado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967 (Retratos do Brasil – 60).

IDEM. **O que se deve ler para se conhecer o Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (1ª ed.: 1945).

IDEM. **As razões da Independência**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965 (Retratos do Brasil –39).

WERNECK SODRÉ, Nelson, et al. **História Nova do Brasil**. Rio de Janeiro: Cases/MEC, 1964.